

## A LITERATURA NEGRA FEMININA NO BRASIL – PENSANDO A EXISTÊNCIA

*Miriam Alves<sup>1</sup>*

**Resumo:** O artigo visa levantar alguns aspectos da Literatura Negra Feminina no Brasil, que tem se destacado fortemente no panorama da chamada Literatura Afro-Brasileira, ressaltando a singularidade da fala das escritoras negras que partem das vivências cotidianas das mulheres negras. Transformado tudo isso em amálgama para a criação de textos poéticos e ficcionais, tais escritoras constroem personagens negros e enredos que contrastam com a chamada “Literatura Brasileira”, incluindo a Literatura Feminina, em que a presença de personagens negras complexas em subjetividade e ações humanas quase nunca se dá ou, quando muito, fica relegada ao segundo plano e de maneira negativa em meio a estórias estereotipadas.

**Palavras-Chave:** mulheres negras, literatura feminina, relações raciais.

### BLACK WOMEN’S LITERATURE IN BRAZIL – THINKING ABOUT EXISTENCE

**Abstract:** The article seeks to discuss aspects of Afro-Brazilian women’s literature which have gained enormous notoriety within the panorama of the acclaimed Afro-Brazilian literature. It highlights the singularity of black women writer’ discourses which are grounded on black women’s experiences. Transforming that into amalgam for the creation of poetic and fictional texts, these writers construct black characters and plots which contrast with the so-called “Brazilian literature.” That includes Women’s Literature in which the presence of black characters with complex subjectivities and intricate human actions rarely occurs. If at all present, they are relegated to the narrative’s background, and depicted negatively in stereotyped stories.

**Key Words:** black women, feminine literature, race relations.

### LA LITERATURA NEGRA FEMENINA NN BRASIL – PENSANDO SU EXISTENCIA

**Resumen:** El artículo tiene el objetivo de levantar algunos aspectos de la Literatura Negra Femenina en Brasil, que se viene poniendo de relieve fuertemente en el ámbito de la llamada Literatura Afro-brasileña, destacando la particularidad del habla de las escritoras negras que parten de sus vivencias cotidianas de mujeres negras. Al transformar todo ello en un amálgama para la creación de textos poéticos y de ficción, tales escritoras construyen personajes negros y enredos que contrastan con la llamada Literatura Brasileña, incluyendo la Literatura Femenina, en que la presencia de personajes negras complejas en subjetividad y acciones humanas casi nunca se da, o cuando pasa, queda en plan secundario y de manera negativa a través de historias estereotipadas.

**Palabras-Clave:** mujeres negras, literatura femenina, relaciones raciales.

---

<sup>1</sup> Integrante do Quilombhoje Literatura até 1989. Escritora visitante na Universidade do Novo México, em 2007; e na Escola de Português de Middlebury College (EUA), 2010. Fez várias palestras e debates em universidades nos Estados Unidos entre 1994 e 2009. Co-organizou duas antologias bilíngues internacionais de mulheres negras: uma de poemas, em 1995; e outra de contos, em 2005. Publicou: *Momentos de Busca*, em 1983; *Estrelas nos Dedos*, em 1985; *Brasilafro*, 2010; e outros poemas e contos em *Cadernos Negros*, de 1982 a 2010. E-mail: escritoramiriamalves@yahoo.com.br.

### LA LITTÉRATURE NÈGRE FÉMININE AU BRÉSIL – EN PENSANT L’EXISTANCE

**Résumé:** Cet article vient lever quelques aspects de la Littérature Nègre Féminine au Brésil, celui qui s’est fortement distingué au panorama de la nommée Littérature Nègre Brésilienne, remarquant la singularité de la voix des écrivaines nègres qui partent des expériences quotidiennes des femmes nègres. Transformé tout ça en amalgame pour la création de textes poétiques et fictifs, tels écrivaines construisent personnages nègres et trames que contrastent avec l’appelée “Littérature Brésilienne”, incluse la Littérature Féminine, dont la présence de personnages nègres complexes en subjectivité et actions n’est presque jamais mise en scène ou, quand même, est présentée au deuxième plan e porte une façon négative dans un milieu des histoires stéréotypées.

**Mots clefs:** femmes nègres, littérature féminine, relations raciales.

## A LITERATURA NEGRA FEMININA NO BRASIL – PENSANDO A EXISTÊNCIA

Ser mulher e escritora no Brasil é romper com o silêncio, a “não-fala” e transpor os espaços que definem procederes e funções preestabelecidas. Ser mulher escritora no Brasil é ultrapassar os limites do “do lar”, onde a mulher foi confinada, com o propósito de proteção do contato (contágio) externo. Ser mulher escritora no Brasil é também dispensar a mediação da fala do desejo delegada e exercida em última instância pelo homem investido do poder “falocrático”. Contra a situação de injustiça, submissão e abuso diverso desfavorável à mulher, o feminismo vem bradando há muitos séculos – a partir do XVIII, no mínimo –, às vezes, de modo tímido, outras, em alto e bom tom.

Com a revolução implantada pelo feminismo pós-guerras, as “do lar” passam a transitar no espaço exterior, desde que seguidas regras básicas de comportamento, evitando as ameaças que as comprometessem e ao “sagrado lar”. Na literatura escrita por homens, a representação da mulher segue vários caminhos, mas, de certa forma, ainda se perpetua a dicotomia entre as “do lar” e as outras, as de “fora do lar”. É interessante notar, que, não por acaso, muitas heroínas dos textos de escritores são as que rompem com este contexto. Normalmente são prostitutas (“mulher da vida” e, portanto, não “do lar”). Proclamam uma independência, vivem suas experiências, com mais ou menos amarguras, mas quase todas têm fim trágico, ou se convertem por força e obra do amor a um homem. Redimidas são enquadradas no contexto “do lar” e não “da vida”, o velho e celebrado mito da “Madalena arrependida”.

Nas várias abordagens teóricas, depoimentos, textos poéticos e ficcionais, a escrita da mulher passa a violar este silenciamento. No cenário literário da contemporaneidade brasileira, com repercussões internacionais, no plano ficcional, surge uma voz ativa por meio da qual sobressai, quase sempre, o sentimento de inconformidade com os espaços reais e literários relegados às mulheres. É num aperto de espaço definido, ou predefinido, onde está incrustada, que a mulher escreve, inscreve, re-escreve, enunciando, denunciando e, a partir da palavra, tenta romper, desbloquear, deslocar ou deslocar-se. Esta literatura é algumas vezes chamada de intimista, talvez por abrir frestas, janelas e portas, escancarando para o exterior os sons da “não fala”, profanando o confinamento do silêncio. Traz a público as experiências

com perfis, contornos e timbres específicos que tomam de assalto esse território. Com esta ação, a escrita feminina institui uma reflexão a partir da experiência de um estar no mundo diferenciado, indicado pelo gênero ao grafar uma voz desejanste, inquietante e que inquieta, e, assim, desloca a imagem e a autoimagem da mulher.

No entanto, sendo o Brasil um país de território extenso, com uma população heterogênea, portanto com histórias, culturas e aculturações díspares, ao lidar com a Literatura Feminina, ou de autoria de mulheres, há de se acautelar e não generalizar uma só representação do feminino na Literatura. Por mais que a escrita da mulher brasileira tenha “transformado a face da Literatura Latino-Americana contemporânea. [...] Ao introduzir inovações estilísticas, estruturais, temáticas, e de voz” (Fitz, 1997, p. 49), as vivências das narrativas expõem o lugar de onde emergiram, ou seja: um segmento étnico e de classe específico. Com efeito, a subjetividade e a singularidade do universo complexo que é ser Mulher, e ser mulher brasileira, extrapolam esse delineamento.

No final da década de 1970, ocorre um fenômeno: um coletivo de escritores organizados em diversos grupos, entre São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Rio Grande do Sul, com uma escrita no mínimo contundente, abre as trancas, fura as cercas, pula muros e invade o campo literário, para ampliar o território da fala de homens e mulheres negros. Evocando a autodenominação de Literatura Negra, redesenham, pelo menos literariamente, o território das singularidades das falas. Antes desse fato, negros escrevendo textos poéticos ou ficcionais permaneciam incrustados no contexto da “Literatura Brasileira” e vivenciavam a invisibilidade étnica, à qual a população afro-brasileira estava fadada, reforçando assim o mito da “democracia racial”. Debatiam-se com a peja de “só-menor”, como no caso do escritor Lima Barreto, ou ainda, como no caso dos grandes expoentes da Literatura Brasileira Cruz e Souza e Machado de Assis, são alvo, até hoje, de exaustivos discursos crítico-teóricos que tentam comprovar que, pelo fato de escreverem, desejavam ser brancos.

O divisor de águas se dá com os escritores se aglutinando em torno de uma publicação denominada *Cadernos Negros*, objetivando a escrita para tirá-la da invisibilidade e do “só-menor” em que estava proscrita. Na publicação primeira de *Cadernos Negros*, em

1978, com oito autores – entre eles, duas mulheres<sup>2</sup> – o propósito literário fora redigido à guisa de prefácio, postulando uma literatura distinta: “*Cadernos Negros* marca passos decisivos para nossa valorização e resulta de nossa vigilância contra as idéias que nos confundem enfraquecem e nos sufocam” (*Cadernos Negros*, 1978, p. 8). A iconografia da capa retratando uma favela dirimiu qualquer dúvida, exemplificava, muito bem, o lugar de negro brasileiro a que se referia. Um lugar no qual a topografia foi desenhada pela desigualdade de renda, oportunidade escolar e moradia – legado histórico secular de exploração de mão de obra não ou mal remunerada.

Neste panorama, há uma produção e reprodução de símbolos no discurso poético-ficcional de escritoras negras destoantes das escritoras brancas. Embora ambas vivenciem o silenciar (não-fala), o lugar de produção é outro significativamente diferente. Há tempos que a mulher negra realizava a dupla jornada, acumulava os afazeres de sua própria casa e prole e se engajava em movimentos populares, tais quais das “panelas vazias”, “creches”, “saúde” e outros. Uma vida desconhecida e ou desconsiderada no contexto “do lar” onde exerciam seus trabalhos domésticos, de onde, mormente seriam gerados não só os discursos feministas, como também os textos literários. Uma vida negra eivada de relações – amores, desamores, sabores, dissabores, dores, ódios, esperança, desesperanças, sonhos, medos, desejos, risos e choros, sons e silêncios, conquistas e derrotas – que são amálgamas para textos literários poético-ficcionais. O espaço exterior ao “do lar” há muito já era freqüentado pelas mulheres negras, sem que isso significasse independência e liberação. Muito pelo contrário, mais cedo que a revisão feminista, uma parcela de mulheres (as negras) descobriram o que significava dupla, tripla jornada de trabalho, e também tripla opressão: do homem branco, do homem negro e da mulher branca.

É de um lugar de alteridade que desponta a escrita da mulher negra. Uma voz que se assume. Interrogando, se interroga. Cobrando, se cobra. Indignada, se indigna. Inscrevendo-se para existir e dar significado à existência, e neste ato se opõe. A partir de sua posição de raça e classe, apropria-se de um veículo que pela história social de opressão não lhe seria próprio, e o faz por meio do seu olhar e fala desnudando os conflitos da sociedade brasileira. Revela o que existe no universo emotivo daquelas mulheres que, nos textos literários das

---

<sup>2</sup> Ângela Lopes Galvão, mato-grossense e Célia Aparecida Pereira, paulista.

escritoras brancas brasileiras, moram nos quartos dos fundos, das quais mal se pressupõem uma vida, voz, existência e subjetividade própria. Essa escrita tira o véu, descobre-se e toca, mediante as palavras, o próprio corpo sem escamotear os conflitos de raça e cor, tira as máscaras das relações de gênero e raça da sociedade onde está inserida. Muito mais que isso, traz à tona a voz, o rosto (re)interpretados em emoções próprias para registrar e se autorrepresentar no território da Literatura. Entoa uma “contra-voz a uma fala literária construída nas instâncias culturais do poder da literatura brasileira” (Evaristo, 2005, p. 52) e vai arrombando a porta deste clube privê.

Sobre elas, Maria Aparecida Andrade Salgueiro traça o seguinte comentário:

Escrevendo da perspectiva “mulher” e “negra”, escritoras de origem africana tais como Conceição Evaristo, Miriam Alves, Esmeralda Ribeiro, Lia Vieira, Sonia Fátima da Conceição, Geni Guimarães, entre outras, examinam a individualidade e as relações pessoais como uma forma de compreensão de questões sociais complexas, tais como a vida à margem nas grandes cidades, o preconceito nas situações mais corriqueiras do dia a dia, a exclusão já presente nos livros escolares. Narram sob ótica nitidamente feminina, problemas do cotidiano das mulheres negras, em formato repleto de poesia, e pleno de referências culturais, que buscam momentos fortes de uma cultura que se reconstitui (Salgueiro, 2001, p. 2).

Os textos destas escritoras afrodescendentes revelam vários contornos de uma face-mulher ocultada, e a visibilidade dos rostos-vida é desenhada nas falas da existência. Ao assumir sua voz-mulher, as escritoras afro-brasileiras ampliam o significado da escrita feminina brasileira, revelando uma identidade-mulher que não é mais o “outro” dos discursos. Afirmam uma identidade-mulher-negra que revela que sempre esteve lá, no “lugar do silêncio”, dentro do outro silêncio-mulher-branca, na singularidade e na subjetividade da experiência única de ser mulher negra no Brasil, que, em seus vários aspectos, é contemplada pela criação dos textos literários, enfocando os mais diferentes aspectos, expondo a complexidade que reveste o ser Mulher na sociedade brasileira.

A partir dos trechos a seguir, extraídos do livro bilíngue *Womem righting – Afro-Brazilian women’s short fiction – mulheres escrevendo*, que organizei juntamente com a professora Maria Helena Lima (Alves e Lima, 2005), proponho que seja lidos como se fosse um só texto, por estabelecerem um diálogo entre si. Apesar de terem sido escritos por escritoras negras de idades diferentes, de trajetórias pessoais diversas, relatando

ficcionalmente fatos distintos, evidenciam o ponto de interseção que liga todas estas experiências por meio do olhar da realidade de ser mulher negra no Brasil. A dimensão se abre num leque de emoções abrangentes a partir da visão da cidadã-mulher-escritora, vivenciando e reagindo com ações e sentimentos frente aos desafios de vencer os obstáculos impostos pelas discriminações e preconceitos raciais e sexistas:

Quando Flor de Liz resolvia conversar, partia sempre do mesmo ponto, de como começara a sua vida de como seu patrão lhe fizera as prendas, de como se devia manter limpa, linda e jovem para sobreviver na cidade grande, principalmente no morro. (Lia Vieira, 2005, p. 40).

Trabalho à noite no Centro Humanitário e de manhã vou ao parque de diversões. Tenho ido lá todos os dias. Fico sentada, observando que são tantas borboletas-menina dormindo sobre as pedras. Fico refletindo: qual será o futuro delas quando se tornarem mulher? (Esmeralda Ribeiro, 2005, p. 38).

Era preciso reinventar a vida. Encontrar novos caminhos. Não sabia como. Estava estudando, ensinava as crianças menores da favela, participava do grupo de jovens da Associação de Moradores e do Grêmio da Escola. Intuí que tudo era muito pouco. A luta devia ser maior ainda (Conceição Evaristo, 2005, p. 98).

Clotilde olhava a gaiivota fazendo acrobacias aéreas. O vento não batia em seus cabelos porque os trazia presos com um elástico colorido. Já era tarde de domingo. A luz do final do dia fazia a pele de ébano de Clô assumir uma tonalidade singular. Ela trazia um sorriso cúmplice nos lábios. Sorveu um gole de cerveja em lata e respirou profundamente. Quase um suspiro. (Miriam Alves, 2005, p. 84).

E sentimentos placentários escaparam do útero, meu útero das minhas raízes, grafaram as leis regentes de todos os meus dias. [...] Meu porte de arma tenho-o descoberto e limpo entre, em cima, embaixo e no meio do cordel das palavras. (Geni M. Guimarães, 2005, p. 70).

E através do pensamento, agora busca e ocupa espaços. Sorri ao imaginar-se no Drink Restaurat. Sem temor, ativo, mesmo sendo alvo das atenções. Indiferente às caras tortas que com certeza os racistas fariam. Pedir tudo do mais caro. Comer, como todos. Pagar em moeda corrente. Deixar o ambiente de maneira ativa, mas não sem antes informar à madame da mesa próxima ao WC da direita que ambos – ele e ela – defecarão pelo mesmo orifício. (Sônia F. Conceição, 2005, p.54).

Estas identidades que pode parecer, a espectadores apressados em conclusões, um cordão de isolamento entre as mulheres brancas e negras, é na verdade um chamado para a consciência da complexidade da divisão social do papel da Mulher. Ao assumir esta identidade literária, as afro-brasileiras ultrapassam o cordão de isolamento, colocam o bloco

na Avenida Brasil da literatura. Rompe-se, neste ato, com a parcialidade que é falar de literatura feminina (ou escrita por mulheres) sem levar em conta a amplitude das vivências relatadas pelas afrodescendentes. Não se trata de mera divisão temática somente, mas de um chamado à revisão de conceitos, não só literários, mas de transformações da sociedade brasileira no cerne da mentalidade patriarcal subjacente, nascida claramente na instituição de um sistema escravocrata.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Miriam. Cadernos Negros I – Postulado de uma trajetória. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; BEZERRA, Kátia da Costa (orgs.). *Gênero e representação: teoria, história e crítica*. Belo Horizonte: UFMG, 2002. P.58-66.

\_\_\_\_\_. “Abajur” (Nightlamp). In: ALVES, Miriam e LIMA, Maria Helena (orgs.). *Women righting – Afro-Brazilian women’s short fiction – mulheres escrevendo*. Edição Bilíngue. Londres: Mango Publishing, 2005, p. 72-73.

ALVES, Miriam e LIMA, Maria Helena (orgs.). *Women righting – Afro-Brazilian women’s short fiction – mulheres escrevendo*. Edição Bilíngue. Londres: Mango Publishing, 2005.

CADERNOS NEGROS 1. São Paulo: Edição dos Autores, 1978.

CONCEIÇÃO, Sônia Fátima da. N° 505. In: ALVES, Miriam e LIMA, Maria Helena (orgs.). *Women righting – Afro-Brazilian women’s short fiction – mulheres escrevendo*. Edição Bilíngue. Londres: Mango Publishing, 2005, p. 48-49.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-representação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. *Revista Palmares: cultura afro-brasileira*, ano 1, n. 1, p. 52-57, ago. 2005.

\_\_\_\_\_. Duzu – Querença. In: ALVES, Miriam e LIMA, Maria Helena (orgs.). *Women righting – Afro-Brazilian women’s short fiction – mulheres escrevendo*. Edição Bilíngue. Londres: Mango Publishing, 2005, p. 88-89.

FERREIRA-PINTO, Cristina. Consciência Feminista/Identidade feminina: relações entre Mulheres na Obra de Lygia Fagundes Telles. In: SHARPE, Peggy (org.). *Entre Resistir e Identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina*. Florianópolis: Editora Mulheres; Goiânia: Editora da UFG, 1997, p. 59-63.

FITZ, Earl E. Ambigüidade e Gênero: estabelecendo a diferença entre a ficção escrita por mulheres no Brasil e na América Espanhola. In: SHARPE, Peggy (org.). *Entre Resistir e Identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina*. Florianópolis: Editora Mulheres; Goiânia: Editora da UFG, 1997, p. 42-51.

GUIMARÃES, Geni Mariano. Conto “Força Flutuante” (Floating Power). In: ALVES, Miriam e LIMA, Maria Helena (orgs.). *Women righting – Afro-Brazilian women’s short fiction – mulheres escrevendo*. Edição Bilíngue. Londres: Mango Publishing, 2005, p. 60-67.

RIBEIRO, Esmeralda. À procura de uma borboleta preta (In Search of a Black Butterffly). In: ALVES, Miriam e LIMA, Maria Helena (orgs.). *Women righting – Afro-Brazilian women’s short fiction – mulheres escrevendo*. Edição Bilíngue. Londres: Mango Publishing, 2005, p. 26-27.

SALGUEIRO, Maria A. A. Afro-Brasildade e Literatura. *UERJ em Questão*, Rio de Janeiro, v. VII, n. 74, p. 2, 30 nov. 2001.

VIEIRA, Lia. Foram Sete... (Lucky seven). In: ALVES, Miriam e LIMA, Maria Helena (orgs.). *Women righting – Afro-Brazilian women’s short fiction – mulheres escrevendo*. Edição Bilíngue. Londres: Mango Publishing, 2005, p. 46-47.